JULIANA CÉZAR NUNES

DA EOUIPE DO CORREIO

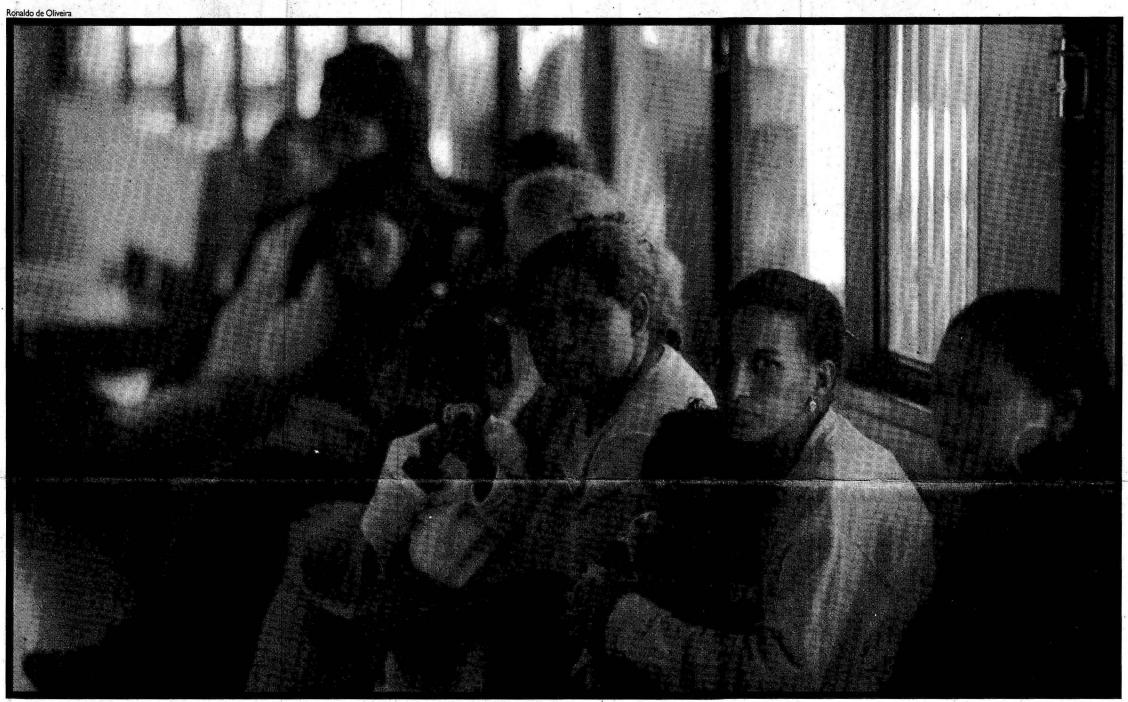
🗖 alta o básico: médico, remédio, tempo. Da porta de casa ao posto ou centro de saúde, os brasilienses caminham por 10, 15, no máximo, 20 minutos. Para marcar consulta, esperam uma manhã inteira, dois dias, uma semana ou até seis meses. Criados há mais de duas décadas na Europa, os postos são a base do sistema público. Deveriam prevenir enfermidades e aliviar os hospitais. No Distrito Federal, a realidade é outra.

Há 91 postos e centros de saúde. De manhã, é preciso chegar antes das 7h. Muitas vezes a consulta é negada porque falta médico, há lugares em que os doutores só dão expediente em um turno — em Sobradinho, por exemplo, um dos centros só tem consulta na tarde de terça-feira. O paciente vira peregrino.

Pega ônibus, vai noutro posto, ouve a mesma história, pega outro ônibus, chega no hospital, enfrenta nova fila e reza para não ouvir a frase que dona Mislânia Silva, 23 anos, escutou na tarde de quinta-feira na porta do hospital de Samambaia. 'O que você está fazendo aqui. Seu caso é de posto", ralhou uma indiferente recepcionista.

A Secretaria de Saúde reconhece os problemas identificados durante os três dias em que o Correio acompanhou brasilienses em busca de ajuda. "Sabemos que o mau funcionamento dos postos é a grande causa do inchaço nas emergências dos hospitais", admite Mário Sérgio Nunes, subsecretário de Atenção à Saúde. Para começar a resolver o problema, prepara um projeto de reestruturação que inclui a construção de 100 postos de saúde, contratação de 430 médicos e compra de equipamentos — ecógrafo e eletrocardiograma.

No papel, está tudo certo. Falta ainda definir e liberar o mais difícil: dinheiro.



COM CRIANÇAS NO COLO, MÃES ESPERAM HORAS NO BANCO DE CIMENTO DO CENTRO DE SAÚDE DE SAMAMBAIA POR UM MÉDICO. QUANDO CONSEGUEM SER ATENDIDAS, A CONSULTA É RÁPIDA E, MUITAS VEZES, NÃO HÁ O REMÉDIO PRESCRITO

VIA-CRÚCIS EM TRÊS ESTAÇÕES

PRÉ-NATAL

O filho da empregada doméstica Francisca Rodrigues, 27 anos, completou 7 meses de gestação sem que ninguém ao menos saiba se está tudo bem com ele. Na barriga imperceptível da mãe, ele desenvolve-se no anonimato. Mulher, negra, magra e com pouco estudo, Francisca procurou assistência médica na última quarta-feira no Centro de Saúde 6. Chegou às 16h. Da porta do centro, um educado porteiro com cassetete pendurado na calça se limitou a dizer, sem alterar o tom de voz: "Hoje à tarde não tem médico.'

No outro dia, às 7h30, ela voltou para mais uma tentativa. Mostrou a carteira de trabalho para a assistente do ginecologista na última sala do corredor, pegou a senha em papel plastifi-

cado e sentou no espaço que restava do banco de cimento com azulejo. Depois de duas horas na fila, soube que teria de voltar em uma semana para a reunião realizada com mulheres em início de gravidez.

Pelo programa de pre-natai dos centros e postos do DF, essa reunião é o primeiro passo de um tratamento que termina antes do parto. Francisca vai entrar nos oito meses sem ter conversado com o médico.

A urgência no atendimento em um caso como o dela não foi levada em conta pelo centro. Pouco consciente da importância do pré-natal para a saúde da criança, a empregada doméstica fica na esperança de que tudo corra bem. Assim como no seu primeiro parto na roça, quando deu à luz sozinha. Só ela e Deus.

PRIMEIRA INFÂNCIA

As filhas da recepcionista Mislânia Silva, 23 anos, tiveram sorte quando estavam na barriga da mãe. Moradora da Samambaia, ela conquistou uma vaga no programa de pré-natal. As meninas,

CONSULTA OU DESPACHO?

Natália dos Santos, 18 anos, mora na Ceilândia, a 10 minutos do centro de saude, mas passou dois dias em busca de atendimento para o filho de 10 meses. Quando conseguiu, às 11h45 da sextafeira, entrou no consultório e começou a ser interrogada pela médica. O berço do menino tem urso de pelúcia? Alguém da família tem asma? Antes de ouvir todas as respostas, a doutora pediu que o macação de Walisson

fosse retirado. Sem avisar, foi passando o estetoscópio pelo peito do pequeno. Como nao encontrou nada, examinou o ouvido. Diagnosticou uma inflamação no lado direito. Enquanto escrevia a receita médica, ditava, de cabeça baixa, sem respirar, as dicas de cuidados e medicamentos necessários. Em 15 minutos, Natália e Walisson estavam fora do consultório. "Cê viu como ela falou comigo?", perguntava.

hoje com 1 e 4 anos, nasceram saudáveis. Em pouco tempo descobriram que não podem contar com os doutores do centro de saúde a 10 minutos de casa.

"Há duas semanas, a mais nova estava sentindo falta de ar. Levei no centro e eles disseram que não havia como nebulizá-la",

conta Mislânia. Preocupada, ela não se permitiu voltar para casa e enfrentou meia hora de ônibus para chegar ao hospital público. Só foi atendida no final da tarde.

Na última quinta-feira, a mulher passou pelo mesmo sofrimento. Dessa vez, com a filha mais velha. As 9h, entrou correndo no centro de saúde, virou no primeiro corredor à esquerda e deu de cara com uma fila de mulheres com crianças no colo, embaixo das janelas com o sol quente nas costas.

Procurou a sala da criança, onde os pequenos são pesados e preparados pela enfermeira para o exame com o pediatra. Contou que a filha estava mole, sem apetite e febril. Mas não adiantou. "Tive que correr com ela para o hospital, morrendo de medo de ela desmaiar no caminho de tanto calor."

Desde que deu à luz pela última vez, Mislânia não voltou ao ginecologista. A marcação de consultas do centro não acontece todos os dias. E, quando acontece, a grande procura impõe horário de chegada: 5h. Como trábalha até 6h da manhã, a recepcionista fica sem atendimento. É obrigada a suportar as dores, depois da relação sexual, no local onde o médico fez os pontos do parto normal.

A classe média também

sofre com a precarieda-

de dos postos do DF. O

agente administrati-

PÓS-PARTO

lher. A peregrinação começou às 14h e não terminou. Às 16h30, chegou ao Centro de Saúde 01 de Sobradinho. Lá, com a receita na mão, esperou vinte minutos para ouvir do atendente da farmácia que os remédios estavam em falta. Teve que comprar. Nas últimas três vezes em que

vo Rogério dos Santos, 37 anos,

morador de um condomínio em

Sobradinho, paga plano de Saúde

privado para os filhos, mas apela

para a rede pública quando o as-

sunto não é grave. Sua mulher fez

o pré-natal no centro. Ganhou

nenen na dez dias. O pos-parto

rio percorreu três postos em

busca de remédios para a mu-

Na última quinta-feira, Rogé-

tem sido complicado.

ficou gripado, o agente administrativo foi direto ao hospital. Não confia mais no posto. Prefere as 6 horas na fila da emergência. "Ouço na televisão o governo falar que não vai faltar mais remédio, nem médico, e tudo continua a mesma coisa", indigna-se Rogério.





quatro anos O que faltou









O que faltou

MISLÂNIA SILVA LEVOU AS FILHAS AO POSTO DE SAMAMBAIA, MAS NÃO FOI ATENDIDA

